

ONE DAY AT A TIME: VIVÊNCIAS LATINAS DE GÊNERO E RAÇA NOS EUA

ONE DAY AT A TIME: LATIN EXPERIENCES ON GENDER AND RACE IN THE US

ANGÉLICA DE MORAIS AZEVÊDO¹

Centro Universitário Tabosa de Almeida (ASCES-UNITA)

E-mail: angelicamorais01@gmail.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo buscar entender como é retratada a realidade das pessoas da comunidade latinx nos Estados Unidos da América em situações relacionadas a gênero e raça, elementos estruturantes da vida em sociedade, em produções audiovisuais, pois essas produções se constituem como ferramentas valiosas no estudo das Relações Internacionais. Como forma de aproximação dessa realidade geograficamente distante, o estudo foi realizado tendo como foco a série original da Netflix *One Day At a Time*, que se baseia nas experiências de uma família cubana. Para isso, partimos das contribuições do feminismo nas Relações Internacionais, bem como da abordagem oferecida pela perspectiva da interseccionalidade, a fim de analisar elementos de gênero, raça e nacionalidade de forma intercruzada na experiência de pessoas latinxs que migraram para os EUA. Desse modo, foi possível identificar algumas formas pelas quais as vivências de gênero, raça e nacionalidade se sobrepõem nas experiências de latinxs nos Estados Unidos da América.

Palavras-chave: One Day At a Time; Latinx; Interseccionalidade; Gênero; Raça.

Abstract: This article aims to understand how the reality of people from the Latinx community in the United States of America is portrayed in situations related to gender and race, structuring elements of life in society, in audiovisual productions, as these productions constitute valuable tools in the study of International Relations. As a way of approaching this geographically distant reality, the study was conducted focusing on Netflix's original series *One Day At a Time*, which draws on the experiences of a Cuban family. We start from the contributions of feminism in International Relations, as well as the approach offered by the perspective of intersectionality, in order to analyze elements of gender, race and nationality in an intercrossed way in the experience of Latinx people who migrated to the US. Thus, it was possible to identify some ways in which the experiences of gender, race and nationality overlap in the experiences of latinxs in the United States of America.

Keywords: One Day At a Time; Latinx; Intersectionality; Gender, Race.

¹ Graduanda do 8º período de Relações Internacionais do Centro Universitário Tabosa de Almeida (ASCES-UNITA). Contato: angelicamorais01@gmail.com, (81) 98105-4412. Endereço residencial: Rua Doutor Júlio de Melo, 209, Bairro Nossa Senhora das Dores, Caruaru-PE.

INTRODUÇÃO

Cerca de 18% da população dos Estados Unidos da América é formada por latinxs², o que corresponde a quase 60 milhões de pessoas vivendo em território estadunidense (NOE-BUSTAMENTE; FLORES, 2019). Ainda que o termo latinxs seja utilizado para referir-se à característica comum dessa população - sua origem de países latino-americanos, como toda e qualquer categoria ela abrange uma diversidade de vivências sob sua definição.

Este artigo tem como objetivo buscar entender como é retratada a realidade das pessoas da comunidade latinxs nos Estados Unidos da América em situações relacionadas a gênero e raça, elementos estruturantes da vida em sociedade, em produções audiovisuais. Para isso, partimos das contribuições do feminismo nas Relações Internacionais, bem como da abordagem oferecida pela perspectiva da interseccionalidade, a fim de analisar elementos de gênero, raça e nacionalidade de forma inter cruzada na experiência de pessoas latinxs que migraram para os Estados Unidos.

Como forma de aproximação dessa realidade geograficamente distante, o estudo foi realizado tendo como foco a série original da Netflix, *One Day At a Time*, que se baseia nas experiências de uma família cubana vivendo há três gerações nos Estados Unidos. Entende-se que as produções de audiovisual, tais como filmes, documentários e séries, constituem-se como ferramentas valiosas no estudo das Relações Internacionais, por meio da reflexão e análise dos conteúdos produzidos, bem como pela forma, contexto e autoria da produção (ZANELLA; NEVES JR., 2015).

Na primeira seção, o trabalho apresenta como a discussão de gênero é incorporada no estudo das Relações Internacionais e como a interseccionalidade se apresenta como uma abordagem que busca dar conta das experiências de gênero vividas com base em outros elementos estruturantes, tais como raça e nacionalidade. A segunda seção apresenta de forma descritiva a série *One Day At a Time*, considerando seu conteúdo e produção. E, por fim, a terceira, seção apresenta uma reflexão sobre três episódios específicos da série, com foco sobre experiências de gênero, raça e nacionalidade, a partir de vivências dos personagens.

² Termo usado para se referir a pessoas latinas que moram nos Estados Unidos, inclusive as que não se identificam com as definições de masculino e feminino existentes (DELGADO, 2019).

Dessa forma, espera-se contribuir à discussão sobre a vida da comunidade latina nos Estados Unidos da América, a partir de um olhar interseccional.

1 Contribuições da Abordagem Interseccional para o Estudo das Relações Internacionais

1.1 Gênero nas Relações Internacionais

O estudo das Relações Internacionais (RI) surge como disciplina independente no pós Primeira Guerra quando percebe-se, no meio acadêmico, a necessidade da criação de uma área que compreenda uma diversidade de assuntos outrora pertencentes a campos distintos para um melhor entendimento do funcionamento dos Estados e seu modo de agir.

Com o avançar das RI, teóricos começaram a questionar e criticar as teorias mais tradicionais que orientavam o conhecimento acerca das relações internacionais, com um dos argumentos apontando para o fato de que essas reconheciam o Estado como sendo o mais relevante, senão único, ator do Sistema Internacional, dessa maneira, dando atenção apenas à análise de assuntos ligados às relações de poder como as causas das guerras e dos conflitos, comércio, diplomacia, acabando por negligenciar atores transnacionais levados em conta pelas novas correntes teóricas (TRUE, 1996, p.213).

Durante a década de 80 nasce o terceiro debate das RI entre positivistas e pós-positivistas. As teorias pós-positivistas, cujos formuladores eram favoráveis a “uma abordagem mais sociológica para a explicação dos fenômenos internacionais” (MONTE, 2013, p.02), tinham como propósito descentralizar o estudo da área, previamente preocupado em ter seu foco voltado para o Estado, provocando as ideias das principais correntes teóricas da disciplina - o realismo e o liberalismo - que fazem parte das consideradas positivistas e dominaram a análise da política internacional entre as décadas de 1950 e 1980.

Fazendo parte do terceiro debate, o feminismo passou a compor as teorias das Relações Internacionais de maneira mais intensa, segundo Jacqui True (1996), durante a década de 1990, quando começou-se a considerar as contribuições feitas pelas feministas como ferramentas de grande importância para a compreensão do funcionamento do mundo, sendo utilizada para gerar uma nova visão a respeito das relações de poder existentes, visto que conta com um forte fator político (MONTE, 2013, p.10).

Uma das principais colaborações feministas às Relações Internacionais foi a introdução da ideia de gênero como meio de análise do sistema internacional. A discussão, no que concerne às mulheres enquanto indivíduos, dá-se de maneira a identificar e refletir as razões da marginalização das mulheres nas Relações Internacionais e a representação, ou falta desta, nas esferas políticas ainda majoritariamente ocupadas por homens, não apenas em Organizações Internacionais, mas também em espaços de importância interna dos Estados (TRUE, 1996, p.229).

Outra forma de análise proposta pela teoria feminista das RI trabalha a ideia do que é considerado feminino e masculino. O que é denominado de “poder do gênero” afirma que esses termos e o que eles implicam para as mulheres e os homens não provém apenas dos aspectos da biologia humana, mas sim de uma complexidade de símbolos e significados socialmente fabricados que acabam por reger o comportamento de todos nós. Como explica Monte (2013, p.11):

[...]quando pensamos na diferenciação entre masculino e feminino não como resultado da biologia, mas como um sistema de símbolos sociais definidores do masculino ou feminino, passamos a entender que são estes símbolos, socialmente interpretados como decorrentes dos sexos biológicos, que impelem os indivíduos a se comportarem de maneira socialmente entendida como condizente com sua anatomia.

Levando isso em consideração, quando se fala de gênero em uma perspectiva política, observa-se que posições associadas com o masculino, ocupadas em sua maioria por homens, são posições relacionadas a força e poder, indicando a importância social de quem as ocupa, diferente do que acontece com as mulheres. Enquanto os espaços ocupados por mulheres vêm gradualmente aumentando, ainda é possível constatar que o que é tido como feminino não recebe o mesmo reconhecimento, sustentando uma situação de desigualdade (MONTE, 2013, p.12).

A partir dessa construção social de masculinidade e feminilidade e os papéis a serem desempenhados por cada um, corroborado pela “família, pelas leis, pelo mercado, pela coerção física e, também, pela organização do sistema internacional” (MONTE, 2013, p.12), estereótipos que ajudam a aumentar a desigualdade hierárquica existente e as relações de poder ganham cada vez mais força. Com a reprodução desses estereótipos, mulheres que chegam a locais comumente ocupados por homens tendem a sentir a necessidade de adotar posturas masculinizadas a fim de passarem uma imagem de maior

seriedade, abrindo mão, por diversas vezes, de se portarem e vestirem conforme suas personalidades e gostos.

Neste trabalho, buscamos incorporar a análise de gênero ao estudo de forma articulada com outras dimensões sociais estruturantes, com destaque para raça, a fim de compreender a complexidade da vivência da comunidade latinx nos EUA. Para isso, as abordagens interseccionais apresentam-se como instrumentos que auxiliam o estudo.

1.2 Abordagem interseccional

A teoria da interseccionalidade busca mostrar como diferentes áreas estão interligadas mesmo que sejam geralmente vistas de maneira separada. Raça e gênero são exemplos disso, como afirma Kimberle Crenshaw (2004), tendo em vista que habitualmente nas discussões de direitos humanos questões de raça não são observadas como tendo impacto de gênero e o mesmo acontece com as questões de gênero para com as raciais. Dessa forma, parte da teoria propõe realizar a mudança na visão de instituições que lidam com os direitos humanos de maneira que passem a enxergar a conexão presente entre essas condições, como apontado pela autora:

Um dos objetivos é identificar mecanismos para que instituições trabalhem em conjunto para garantir que a discriminação racial que afeta mulheres e a discriminação de gênero que afeta mulheres negras sejam consideradas mutuamente e não de uma maneira excludente (CRENSHAW, 2004, p.3).

Outro problema acerca dessa realidade em que um aspecto exclui o outro, é o fato de que muitas das políticas públicas voltadas para o combate das discriminações de raça e de gênero não levam em consideração que “as vítimas da discriminação racial podem ser mulheres e que as vítimas da discriminação de gênero podem ser mulheres negras” (CRENSHAW, 2004, p.9), acarretando em uma falha no processo de proteção e garantia dos direitos dessas mulheres.

Em se tratando dos direitos humanos, é possível identificar o que Crenshaw (2004, p.9) afirma ser uma “diferença dentro das diferenças”. Para além da separação feita entre gênero e raça, tornando as situações ainda mais difíceis para o grupo que representa ambos, dentro dos direitos humanos também acontece uma exclusão em relação às mulheres.

Com frases como “direitos humanos também são direitos das mulheres”, fazia-se compreender que os direitos das mulheres estavam baseados no que já era previamente considerado como direitos humanos, logo, direitos pensados em realidades masculinas. Portanto, se uma mulher passava por uma situação a qual um homem também poderia estar sujeito, os direitos humanos conseguiam lhe amparar, porém se a mulher passava por uma situação especificamente relacionada ao seu gênero, os mesmos direitos não tinham a competência necessária para fazê-lo (CRENSHAW, 2004, p.9).

Da mesma maneira acontecia com as mulheres negras em relação à discriminação de raça. Quando o preconceito acontecia através de atos de cunho político, por exemplo, os direitos humanos o reconheciam e agiam para pôr fim à situação. Porém, quando se tratava de outras formas de segregação que tivessem relação direta com o fato da vítima ser mulher, então não se sabia como agir, já que os direitos humanos ainda não consideravam a raça juntamente ao gênero (CRENSHAW, 2004, p.9)

A mentalidade acerca dessa percepção de direitos humanos começou a passar por uma transformação na década de 1990, refletida na frase utilizada por movimentos e organizações feministas de que “direitos das mulheres também são direitos humanos”, o maior desafio sendo, segundo Crenshaw (2004), gerar a compreensão de que era necessário agregar à discriminação de gênero a questão racial para, assim, incluir a pauta de gênero de uma maneira abrangente aos DH.

Da mesma forma, quando mulheres negras sofrem discriminação de gênero, iguais às sofridas pelas mulheres dominantes, devem ser protegidas, assim quando experimentam discriminações raciais que as brancas frequentemente não experimentam. Esse é o desafio da interseccionalidade (CRENSHAW, 2004, p.9).

No presente trabalho, a interseccionalidade se apresenta como abordagem relevante para compreender mais sobre: a vivência de migrantes nos EUA, que será perpassada por sua origem nacional, a vivência de migrantes latinxs nos EUA, que será perpassada por sua identificação racial, a vivência de mulheres migrantes latinxs, que será perpassada pela sua sexualidade e identidade de gênero.

Na próxima seção, será apresentada a série *One Day At a Time*, seus personagens e conteúdo das temporadas, de forma a identificar elementos centrais para a reflexão proposta.

2 Um Dia Por Vez

Contando a história de uma família de origem cubana que vive toda em uma mesma casa nos Estados Unidos, *One Day At a Time*³ (ODAAT) é uma série originalmente produzida e distribuída pela plataforma Netflix US, que teve sua estreia mundial em 6 de janeiro 2017. Um *remake* da produção de mesmo nome de 1975⁴, a atual versão apresenta uma realidade diferenciada da original, com a família tendo raízes latinas e com a avó também passando a integrar o eixo familiar da história. A série é classificada como uma comédia de situação, ou sitcom⁵, e até 2019 conta com três temporadas curtas disponíveis na plataforma de *streaming*.

Sendo uma série direcionada ao público latinx, *One Day At a Time* tem a maioria de seu elenco principal e de apoio composto por pessoas de origem ou ascendência latina, e o mesmo se repete na equipe de produção e até mesmo na música tema da série, a mesma do seriado original, dessa vez interpretada pela artista cubana Gloria Estefan. Com nomes como Rita Moreno, primeira latina a ser consagrada com o *PEGOT*⁶, Justina Machado e Tony Plana no elenco, e sob produção executiva de Gloria Calderón Kellett, co-criadora, juntamente Norman Lear, que também é responsável pelo roteiro e direção de um número de episódios, a série se esforça para manter-se fiel à proposta de trazer representação para a comunidade, buscando sempre retratar situações corriqueiras das famílias, intercalando-as com temas sociais de grande importância.

A ideia de refazer ODAAT dessa maneira se intensificou após Kellett unir-se à produção, trazendo uma perspectiva única para a sala dos roteiristas com suas próprias histórias de vida, sendo ela mesma parte de uma família de cubanos que imigraram para os Estados Unidos. Muitas dessas histórias e experiências acabaram por ser introduzidas no roteiro. O objetivo de fazer com que as pessoas se reconheçam nos personagens e na realidade transmitida é, conforme dito em entrevistas por Kellett, muito forte, bem como gratificante. A co-criadora, que começou sua carreira como atriz e, sem conseguir muitas oportunidades, passou a escrever sobre a sua vida de “uma pequena latina engraçada, que

³ Tradução: Um Dia Por Vez.

⁴ ONE day at a time. Direção: Alan Rafkin, Herbet Kenwith. Produção: Whitney Blake, Norman Lear, Allan Manings. Estados Unidos da América, CBS, 1975.

⁵ A definição exata de Comédia de Situação ainda é confusa, sendo um tipo de show gravado em cenários limitados, podendo ter plateia ao vivo ou não, gravado com três ou mais câmeras, roteiros humorísticos que tendem a resolver rapidamente, sem a necessidade de continuar em outro episódio, a situação apresentada e com duração de, normalmente, cerca de 30 minutos.

⁶ Título que indica a combinação dos maiores prêmios da indústria da atuação - *Peabody*, *Emmy*, *Grammy*, *Oscar* e *Tony*.

não tem sotaque e que não é super escura” (KELLETT, 2018, tradução nossa)⁷, afirma ouvir relatos de pessoas que se emocionam com a simples aparição de uma famosa marca de café cubana e que isso a faz perceber o quão importante é promover a representatividade da comunidade latinx.

Outro diferencial está presente na produção interna da série. Em termos de diversidade, os números de membros envolvidos no projeto - desde roteiristas a diretores - tendem a ser bastante diferenciados de outras produções. Kellett afirma que por diversas vezes entrou em salas de roteiristas e percebeu que era a “cota de diversidade” do local e que enquanto estiver no comando, essa não será a realidade (KELLETT, 2017). Segundo a escritora, em uma de suas mídias sociais, durante a segunda temporada todos os 13 nomes que dirigiram os episódios eram mulheres, pessoas de cor, ou ambos. As participações especiais na temporada contaram com um elenco onde 61% eram mulheres, e 51% pessoas de cor e portadoras de deficiências. Seguindo essa mesma linha, a equipe de roteiristas que trabalha na série é composta 50% por mulheres, 50% por pessoas de cor, e 20% por pessoas que fazem parte da comunidade LGBTQIA+ (KELLETT, 2018, tweet).

2.1 Conteúdo das Temporadas

O núcleo principal da série traz como personagem central Penelope Alvarez, uma enfermeira ex-militar que acaba de se divorciar do marido e precisa reaprender a lidar com as dificuldades da vida sem presença do ex-marido. Sua filha, Elena, é uma adolescente que defende fortemente o que acredita e que, por isso, acaba opondo-se a muitas das tradições que lhe são passadas. Alex é o filho mais novo muito carismático e popular que recebe bastante atenção da avó, Lydia Riera, uma excêntrica cubana que mudou-se para os Estados Unidos ainda na adolescência e luta para passar para os netos os costumes com os quais cresceu em Cuba. Esse núcleo familiar mora na mesma casa, e conta com visitas constantes de Schneider, um canadense carente de atenção familiar e proprietário do prédio onde moram, que se tornou um grande amigo dos Alvarez.

A primeira temporada, encomendada pela Netflix no início de 2016 com 13 episódios (VOLPE, 2016), estreou em 2017 e introduziu a narrativa de uma maneira leve, porém tratando de assuntos pertinentes, deixando claro que alguns ainda são considerados

⁷ Texto original: “a little Latina who's funny, who doesn't have an accent and who's not super dark[...]”

tabu entre latinxs, mas sem perder o humor. O foco central da temporada é a *Quinceañera* de Elena e como a família tem expectativas que não são necessariamente alcançadas quando a garota revela que não gostou do que encontrou em suas pesquisas sobre a tradição. No decorrer dos 13 episódios que marcam a primeira temporada do *hit* da Netflix, enquanto tentam convencer Elena de ter a festa de quinze anos, assim como sua mãe e avó tiveram, a família Alvarez lida com um variado número de outros assuntos. Entre as questões tratadas na série, estão os traumas deixados em Penelope pelo seu tempo nas Forças Armadas estadunidenses, que resultaram em ansiedade e depressão, além de temas que remetem diretamente à vivência dos diferentes membros da família como latinxs migrantes, e que perpassam questões relacionadas a gênero, sexualidade, religião e imigração.

A segunda temporada não perde o ritmo incorporado pela primeira, pelo contrário, toma cada vez mais forma ao se aproveitar da conjuntura política nos Estados Unidos após a eleição de Donald Trump para trabalhar assuntos polêmicos que costumam ser deixados de lado pela indústria midiática ou não são tratados com tanta significância. Começando com um episódio de grande relevância, ODAAT se utiliza da questão racial para retratar a realidade de muitas pessoas que não se encaixam no estereótipo do que é “ser latino”, bem como o preconceito sofrido por aquelas que fazem parte desse grupo que representa tal imagem. Dessa vez, a história de Penelope se desenvolve com um equilíbrio maior entre o pessoal e o profissional, quando ela decide voltar a estudar e realizar o seu sonho de se graduar em enfermagem, mas também evolui fora da zona de conforto que é a sua família e inicia novos relacionamentos. A questão da imigração de Lydia é representada com mais intensidade, visto que é nessa temporada, em meio à situação vivida na vida real pela população imigrante latinx, que ela enfrenta o desafio de, depois de tanto tempo, tentar conseguir a cidadania americana, o que acaba por gerar uma grande tensão em todos com o medo de uma possível deportação.

A terceira e mais recente temporada conta com 13 episódios liberados para o público na plataforma em 08 de fevereiro de 2019. Mais uma vez, ODAAT se propõe a trabalhar temas não convencionais de maneira natural e o faz com excelência. Entre os arcos desenvolvidos, o problema com drogas e álcool de Schneider retorna e tem grande relevância, se expandindo e alcançando o jovem Alex, tornando em realidade um dos medos de Penélope e, mais uma vez, explorando o estereótipo latinx no país. Também é nessa temporada que Lydia se depara com um grande desafio, encarando, pela primeira vez, de maneira relutante, as restrições que a sua idade traz ao seu estilo de vida um tanto

quanto animado. Elena resolve avançar no seu relacionamento com Sid, primeira personagem não-binária da série, e Penelope faz uma descoberta quanto à sua independência que transforma o jeito como enxerga a sua vida amorosa, em mais um final de temporada emocionante.

2.2 Netflix, a Tomada de Decisões e #SAVEODAAT

Um mês depois da estreia da terceira temporada, a Netflix anunciou que estava cortando *One Day At a Time* da sua lista de séries ativas com uma nota direcionada aos fãs em seus canais de comunicação mais populares, afirmando que os números de audiência não haviam alcançado o esperado e que, por isso, a decisão de não encomendar uma nova temporada havia sido tomada.

Nós tomamos a difícil decisão de não renovar *One Day At A Time* para uma quarta temporada. A escolha não foi fácil - passamos várias semanas tentando encontrar uma maneira de fazer outra temporada funcionar, mas no final simplesmente não havia pessoas suficientes assistindo para justificar outra temporada. (NETFLIX US, 2019, Tradução nossa)⁸

Não se sabe ao certo como a Netflix avalia a audiência de suas produções, posto que os dados não são divulgados e até mesmo os números de visualização são mantidos confidenciais. O que é de conhecimento público, entretanto, de acordo com uma entrevista concedida pelo Chefe de Conteúdos da empresa em 2018, Ted Sarandos, é que a plataforma, que utiliza de algoritmos para capturar a atenção dos assinantes pelas suas produções sempre indicando filmes e séries a serem consumidas, trabalha de maneira tal a não necessariamente se importar com as maratonas que acontecem logo após a estreia de uma temporada de série, mas ao invés disso, leva em consideração os primeiros 28 dias. Isso acontece porque se nota que nem todas as pessoas conseguem assistir o conteúdo imediatamente após a liberação dos episódios ou de uma vez só. Outro fator impactante na hora de decidir o destino de uma produção é observar se as pessoas que abriram um episódio pararam na metade e não continuaram ou se desistiram mesmo já tendo visto alguns dos episódios disponíveis, abandonando a história na metade (ADALIAN, 2018). Basicamente, se o conteúdo é interessante o suficiente e consegue

⁸ Texto original: “We’ve made the very difficult decision not to renew *One Day At A Time* for a fourth season. The choice did not come easily — we spent several weeks trying to find a way to make another season work but, in the end, simply not enough people watched to justify another season.”

prender a atenção dos assinantes no período de tempo determinado, a renovação é quase certa.

O ato do cancelamento de *One Day At a Time* foi, no mesmo dia, confirmado pela equipe de produção e por todo o elenco fixo e de apoio da série através de mídias sociais como *Instagram* e *Twitter*. Mensagens de apoio por parte de outros artistas foram publicadas e fãs de todo o mundo, juntamente ao elenco e à equipe de produção, deram início à campanha *#SAVEODAAT* no *Twitter* como resposta quase que imediata ao anúncio do cancelamento, se tornando viral no mundo inteiro, tendo como propósito fazer a Netflix mudar de ideia ou encontrar uma nova casa para a tão benquista série.

Depois de três meses da campanha online liderada pelos fãs, a plataforma de *streaming* vendeu os direitos de *One Day At a Time* para a emissora pertencente à CBS, POP TV, que firmou parceria com o Sony Pictures Television que produzirá o show, enquanto a emissora transmitirá. O canal não está presente no Brasil, mas parte do acordo com a Netflix implica que a série poderá ser reproduzida em outros canais pertencentes à CBS uma vez que a próxima temporada já tenha estreado sua primeira parte no POP TV, trazendo a possibilidade da série passar também no país, em canais pagos.

Confirmada com 13 episódios, a quarta temporada da série já está sendo pensada, com suas gravações marcadas para começar em 28 de janeiro de 2020 e tendo o mês de março definido para sua estreia na tv fechada estadunidense. Sem perder tempo, os fãs da produção já começaram a pedir a renovação usando *#MoreODAAT* nas mídias sociais. A emissora ainda não se pronunciou a respeito, mas o elenco e a equipe de produção mais uma vez aderiram à *hashtag*.

3 Análise | Um Episódio Por Vez

Cada episódio de *One Day At a Time* aborda um tema diferente, em sua maioria de grande relevância social, e esses têm início com a introdução do problema a ser enfrentado, que se intensifica próximo da metade e encontra uma solução, senão absoluta, parcial, ao se aproximar do fim. Ao longo dos 39 episódios que já foram lançados, a série tratou de diversos temas, alguns de maneira mais intensa, outros mais sutis, mas todos pensados a fim de colaborar com os debates propostos.

Neste artigo, iremos focar em três episódios específicos que conversam com o tema proposto e com as teorias expostas na primeira parte, sendo eles o segundo episódio da primeira temporada, o primeiro da segunda temporada e o segundo da terceira. Os três

episódios trazem os personagens em situações nas quais vivenciam algum tipo de preconceito relacionado a gênero, nacionalidade, raça.

3.1 *Machistas, Maquiagens e Afins*

Machistas, Maquiagens e Afins é o título traduzido do segundo episódio da primeira temporada de *One Day At a Time* na Netflix e nele são apresentadas duas realidades de opressão sofridas por Penelope e Elena.

Logo de início, percebe-se que Penelope enfrenta dificuldades de comunicação no seu ambiente de trabalho com um colega homem que insiste em não deixá-la expor suas ideias e sempre interrompe suas falas, a fazendo sentir desrespeitada e diminuída. No enredo do episódio em questão, ela tem uma ideia para aprimorar a qualidade no atendimento dos pacientes da clínica na qual trabalha, mas não consegue apresentar o material que preparou por ser continuamente atrapalhada por Scott, o colega que não a leva a sério. Mais tarde, contando o quão irritada aquela situação a deixa durante uma conversa com o restante da família, Elena afirma que se trata de uma atitude sexista, mas ela rebate dizendo que “não é como se ele estivesse batendo na sua bunda enquanto ela passa”. Após ouvir esse argumento, Elena se apressa em deixar claro que o que ele está fazendo é chamado de *mansplaining* e é tão sexista quanto o ato físico.

Mansplaining é um termo que surgiu após a jornalista estadunidense Rebecca Solnit escrever, em 2008, um texto que ficou muito famoso no qual contava experiências pessoais sobre homens lhe explicando coisas durante toda a sua vida mesmo quando esses não tinham certeza do que se tratava. No fim das contas, é exatamente isso que *mansplaining* é; quando um homem tenta explicar a uma mulher algo do qual ela já tem conhecimento, agindo como se a mesma não tivesse a capacidade de saber de tal coisa ou, caso já saiba, ele simplesmente consegue explicar de uma maneira melhor (MARTINELLI, 2015). Esse acontecimento que infelizmente é comum acaba por reforçar dinâmicas de poder entre os gêneros, segundo Anna-Grace Kidd (2017), e é preciso que as mulheres reajam a situações como essas para que a realidade mude.

Elena também enfrenta dificuldades ao tentar ser levada a sério na escola quando quer implementar novos sistemas de reciclagem, sendo ignorada pelos demais estudantes. A solução encontrada por sua avó, Lydia, é maquiá-la para que fique “apresentável”. De início relutante, Elena acaba cedendo ao desejo da avó e vai para a escola maquiada e com o cabelo arrumado de uma maneira diferente do normal. A garota percebe que a

tática dá certo de imediato, os colegas a notam e falam com ela, mas entende que isso está acontecendo da maneira errada, pois a produção toda a deixava desconfortável, logo, estava agindo como alguém que não era. Durante o intervalo, Elena decide voltar ser ela mesma e desmontar a produção, com isso, voltando a ser “invisível”.

Uma das frases utilizadas por Lydia para convencer Elena a fazer a mudança no seu jeito é “advogados gostariam de usar calças de moletom, mas usam ternos para que o juiz os leve a sério”. Esse episódio, mais especificamente essa cena, é um indicativo do que foi apresentado na primeira seção deste artigo, quando foi explicada a ideia fabricada pela sociedade do que é masculino e feminino e os estereótipos que acompanham. Nesse caso, porém, ao invés de vestir-se de maneira menos feminina, fez-se o contrário como estratégia de se utilizar do padrão de beleza atribuído às mulheres para conseguir a atenção que antes lhe faltava.

3.2 A Passagem

O episódio começa com os personagens no jogo de beisebol de Alex. Quando Schneider vai com Elena à lanchonete pegar guardanapos, o atendente, um homem latino, pergunta se ele vai querer algo para a filha. A reação de ambos os personagens é dizer que ele está confuso, até mesmo que precisa de óculos, pois Elena é claramente latina e não é filha dele, afinal eles não se parecem nem um pouco. Mas aquilo fica na mente de Elena e a deixa incomodada. Ao retornarem a casa, a família entra em uma discussão a respeito do apelido de Alex, *Papito*. Ele afirma que não gosta de ser chamado assim e que é vergonhosa a maneira como todos agem com ele em público. Penelope assegura que assim é o modo como funciona a cultura deles, que todos têm apelidos, e ao perguntar qual é o seu, Elena escuta que não tem um.

Mais tarde, Penelope recebe uma ligação da escola de Alex e fica sabendo que ele bateu em um menino em um passeio ao observatório. Zangada, ela questiona o porquê daquilo ter acontecido, reforçando a mensagem de que ninguém tem o direito de bater em ninguém. Alex responde que o garoto estava dizendo coisas ruins a ele e quando a pergunta de que tipo de coisas eram essas é lançada, a resposta choca a família inteira. Perante o silêncio de todos, ele explica que estava conversando em espanhol com um colega quando o garoto passou por eles, ouviu, e disse para ele “voltar para o México”, como se ele não pertencesse ali, apesar de ser um cidadão estadunidense. Ao contar a história, fica evidente que não é a primeira vez que Alex sofre esse tipo de preconceito,

constantemente ouvindo frases como “construam o muro”, em alusão ao muro que o atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, prometeu construir, durante sua campanha, na fronteira entre o país e o México para impedir a passagem ilegal de mexicanos e latinos de outros países que costumam fazer o acesso por ali. Fica revelado que o verdadeiro motivo pelo qual Alex não quer ser chamado de *Papito* é para que as pessoas não zombem dele, mesmo que ela sinta orgulho de suas origens.

A discussão acerca do racismo enfrentado pela comunidade latinx avança de maneira mais intensa, ressaltando fatos como o hábito das pessoas unificarem todos os latinxs em um só grupo, como se todas as pessoas viessem de um mesmo país, ou as palavras de ódio proferidas durante gerações e que marcam de maneira negativa a vida dos imigrantes e suas famílias. Elena confessa que se sente péssima pelo que acontece com Alex e que fica admirada por ser sortuda o suficiente de não viver as mesmas situações que ele. Nesse momento fica claro que a adolescente nunca realmente reparou na diferença entre ela e o irmão.

Penélope procede mostrando a Elena que ela e o irmão têm tons de pele diferentes. Em tom de humor, para dar leveza à cena, Lydia reforça a informação afirmando que Alex “é um lindo caramelo” e a garota é “um pão de forma”. Elena, perplexa, pergunta se está “passando”. Na cena, o ato da Passagem, que dá nome ao episódio, é definido pela personagem como sendo “quando pessoas de cor passam como caucasianas e se beneficiam do privilégio das pessoas brancas, mesmo sendo minoria”⁹. Ela diz que aquilo é terrível, que ela sente orgulho de ser latinx e questiona que a sociedade não tem o direito de definir quem é latinx ou não.

Elena fica extremamente incomodada ao perceber que, mesmo sendo de descendência cubana, está em uma posição de privilégio, apesar de ainda fazer parte de um grupo de minoria por ser mulher, e nunca irá sofrer os mesmos preconceitos raciais que o seu irmão ou sua mãe ou avó, porque tem a pele clara. Assim, se torna ciente de que todo o restante da sua família passa, e continuará a passar, por situações de discriminação, tendo sempre uma vida mais difícil e com mais obstáculos do que a sua.

3.3 *Lá Fora*

⁹ Texto original: “when people of color pass as Caucasian, and benefit from white privilege even though they are a minority.”

O segundo episódio da terceira temporada de ODAAT traz a temática do assédio sexual sofrido pelas mulheres nas mais variadas formas.

Quando Alex vai ao museu com a nova namorada, Chloe, Penelope descobre que o filho tem uma conta privada no *instagram* para compartilhar momentos apenas com seus amigos. Ao conseguir acesso à conta pelo celular de um colega no trabalho, a princípio ela fica aliviada ao perceber que são apenas fotos inocentes, mas logo surge uma nova postagem do casal contendo uma frase de teor ofensivo às mulheres como legenda, seguida por outras do menino gesticulando de maneira vulgar para uma estátua e até para a própria namorada. Ao chegar em casa e ser confrontado a respeito do acontecido, Alex declara que não é “nada demais”, apenas brincadeiras insignificantes que fazem seus amigos rirem, mas Penelope garante que aquilo não é justificativa e que a atitude não está correta. Lydia se posiciona afirmando se sentir responsável, visto que foi ela quem disse ao garoto para ele continuar insistindo e não aceitar “não” como resposta quando pediu Chloe para sair e ela recusou, conselho que ele seguiu até que a menina se tornou sua namorada.

Isso inicia um debate na casa da família sobre como esse tipo de ensinamento é o que faz os homens acharem que têm o direito de agirem de maneira desrespeitosa para com as mulheres em primeiro lugar. A partir daí, as personagens tentam explicar para Lydia que os tempos mudaram e que esse tipo de comportamento precisa acabar, que é inadmissível reproduzir a ideia de que uma mulher dizer “não” na verdade significa que o homem deve insistir até conseguir um “sim”, ou que é certo, por exemplo, gritar para uma mulher frases pejorativas enquanto passa por ela na rua, coisa que a matriarca afirma que acontecia com frequência quando era mais nova e que ela descreve como sendo “elogios”.

Elena traz à luz o fato de que as mulheres sempre levam a culpa pelo assédio sofrido e menciona que na sua escola, durante um evento sobre prevenção ao estupro, apenas as meninas recebiam orientações, as quais faziam referência às suas roupas ou a não andarem sozinhas, mas o comportamento dos meninos não era abordado. A discussão continua, tomando maiores proporções, com Alex e Elena gritando um com o outro a fim de defender seus argumentos, quando o mais novo diz, mais uma vez, que foi apenas algo engraçado para os amigos dele. Elena então expõe uma experiência dela com Sid. Estavam voltando do cinema de mãos dadas quando perceberam que estavam sendo observadas por rapazes que estavam presentes. Quando desceram na parada do ônibus, os mesmos homens continuaram a seguir o casal dizendo repetidas vezes para se beijarem,

de maneira agressiva. O momento havia sido assustador tanto para Elena quanto para Sid, mas os homens haviam achado tudo aquilo muito engraçado.

Chega a vez de Penelope contar a sua história de assédio sexual e ela relata como no exército tinha um superior a quem ela considerava como uma figura paterna, que impulsionava e incentivava o seu trabalho no hospital, até que um dia ele se aproveitou da proximidade que havia adquirido com ela e a abordou de maneira abrupta fazendo-a tocá-lo. Ela relata que reagiu, mas não denunciou, pois sabia que iria demorar muito tempo para obter respostas concretas e que ia acabar saindo mais prejudicada do que ele da situação, mas confidenciou também que ainda se sentia culpada por isso.

Os casos de assédio representados neste episódio demonstram como as relações de poder com base em gênero acontecem, reforçadas pela construção de masculinidade e feminilidade. De forma geral, os homens são mantidos, pela própria sociedade, quando esta se recusa a denunciar tais comportamentos, em um lugar de maior poder e relevância societária, prejudicando mulheres que acabam por permanecer oprimidas. Ao mesmo tempo, o processo de denúncia passa por várias questões para além de uma decisão individual, justamente por envolver relações de poder. No caso de Penelope, relações de poder de gênero, de trabalho, de raça.

Por fim, o episódio sobre essa questão se encerra com Alex se desculpando com a família, prometendo mudar seu comportamento, e é passada a mensagem de que ninguém deve ficar calado diante de situações desse tipo, uma vez que a construção cultural de masculinidade tóxica precisa ser enfrentada.

Considerações finais

A série de produção original da Netflix que é destinada ao público latinx, *One Day At a Time*, e tem como foco uma família de imigrantes cubanos, é um projeto que trabalha temas sociais de grande relevância como os que na terceira parte deste artigo foram analisados de acordo com as teorias exploradas na primeira parte, bem como todos os outros que se fazem presentes ao longo das três temporadas, e com isso observa-se de que a série traz consigo um grande senso de responsabilidade com o material sendo transmitido, para que esse possa levar assuntos relevantes à casa e vida das pessoas.

Percebendo a maneira como ODAAT trabalha assuntos relacionados a gênero, raça, nacionalidade, e outros, é possível reparar que isso é feito de um jeito bastante pertinente, retratando circunstâncias reais que acontecem com pessoas reais todos os dias.

Como resultado disso, a série acaba por sinalizar que esses assuntos não só podem como precisam ser discutidos, especialmente considerando a interseccionalidade com que operam as estruturas de gênero, raça e nacionalidade. Essa abordagem permite que haja uma ampliação quanto ao entendimento acerca das vivências latinas nos EUA, no sentido de compreender a complexidade e diversidade dessa comunidade.

Portanto, com base na teoria feminista das Relações Internacionais e as discussões por ela levantas acerca da ideia de gênero, bem como a teoria da interseccionalidade aplicada a gênero, raça e nacionalidade, podemos concluir que ODAAT é uma série que contribui para as discussões de gênero e raça dentro do contexto dos imigrantes latinx nos Estados Unidos, uma importante e atual temática dos Direitos Humanos, evidenciando o que se passa na comunidade para todos os seus telespectadores, a fim de ampliar consciência a respeito dos temas abordados.

Referências

ADALIAN, Josef. Inside the Binge Factory. Vulture, 2018. Disponível em: <<https://www.vulture.com/2018/06/how-netflix-swallowed-tv-industry.html>>. Acesso em: 2 nov 2019.

CRENSHAW, Kimberle. A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. In: UNIFEM. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem, 2004, p.7-17.

DELGADO, Aldeide. O que significa "latinx"? C&América Latina, 2019. Disponível em: < <http://amlatina.contemporaryand.com/pt/editorial/latinx/> > Acesso em: 1 nov 2019.

KELLETT, Gloria Calderón. The Woman Behind Hit Netflix Series 'One Day at a Time' Shares Why You Shouldn't Be Afraid to Bet on Yourself. [*Entrevista concedida a Nina Zipkin*] Entrepreneur, abril 2018. Disponível em: <<https://www.entrepreneur.com/article/311626>>. Acesso em: 5 outubro 2019.

KELLETT, Gloria Calderón. Gloria Calderón Kellett on 'One Day at a Time'. [*Entrevista concedida a Kim Masters*] KCRW, julho, 2017. Disponível em: <<https://www.kcrw.com/culture/shows/the-business/revisiting-gloria-calderon-kellett->

[on-one-day-at-a-time/gloria-calderon-kellett-on-one-day-at-a-time](#)> . Acesso em: 5 outubro 2019.

KELLETT, Gloria Calderón. Fun Fact about @OneDayAtATime Season Two. 6 mar 2018. Twitter: @everythinggloria. Disponível em: <<https://twitter.com/everythinggloria/status/971148637676818432?s=20>>. Acesso em: 5 outubro 2019.

KIDD, Anna-Grace. Mansplaining: the systematic sociocultural silencer. University of North Georgia, 2017. Disponível em: <https://digitalcommons.northgeorgia.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1681&context=n_gresearchconf>. Acesso em: 11 nov 2019.

MARTINELLI, Andréia. Você sabe o que é mansplaining? Esta estátua pode ser a explicação perfeita. HUFFPOST, 2017. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2015/05/29/voce-sabe-o-que-e-mansplaining-esta-estatueta-pode-ser-a-explicac_a_21681631/>. Acesso em: 11 nov 2019.

MONTE, Izadora. O Debate e os Debates: abordagens feministas para as Relações Internacionais. *Estudos Feministas*. Florianópolis, v.21, n.1, 2013, pp. 59-80.

NETFLIX US. We've made the very difficult decision not to renew One Day At A Time for a fourth season. 14 mar 2019. Twitter: @netflix. Disponível em: <<https://twitter.com/netflix/status/1106246147771764736?s=20>>. Acesso em: 19 set 2019.

NOE-BUSTAMENTE, Luis; FLORES, Antonio. Facts on Latinos in the US. *Pew Research Center*, 2019 Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/hispanic/fact-sheet/latinos-in-the-u-s-fact-sheet/>>. Acesso em: 18 out 2019.

SOLNIT, Rebecca. Men Explain Things to Me. Chicago, Illinois: Haymarket Books, 2014.

TRUE, Jacqui. Feminism. In: BURCHILL, Scott; DEVETAK, Richard; LINKLATER, Andrew; DONNELLY, Jack; PATERSON, Matthew; REUS-SMIT, Christian; TRUE, Jacqui (orgs.). *Theories of International Relations*. 3.ed. Nova York: Palgrave Macmillan, 2005, pp.213-235.

VOLPE, Luciano. One Day at a Time | Netflix encomenda remake latino estrelado por Rita Moreno. Série Maníacos, 2016. Disponível em: <<https://seriemaniacos.tv/one-day-at-a-time-netflix-encomenda-remake-latino-estrelado-por-rita-moreno/>>. Acesso em 2 novembro 2019.

ZANELLA, Cristine; NEVES JR., Edson. As Relações Internacionais e o Cinema: espaço e atores transnacionais, v.1. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2015.